

UMA CIDADE CONTRA A DOR

No coração do Setor Comercial Sul, o projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer resiste à ação do tempo. Nos 12 andares do hospital mais antigo da Fundação Hospitalar do Governo do Distrito Federal, o Hospital de Base de Brasília (HBB) — que sábado completa 38 anos — 10 mil pessoas circulam regularmente, entre pacientes, acompanhantes, pessoal médico, de apoio, de limpeza e de vigilância.

Os que estão doentes dividem espaço nas enfermarias do pronto-socorro, nos corredores do ambulatório, elevadores e rampas. São homens, mulheres e crianças, com o sofrimento estampado nos rostos. Pessoas simples, que vieram de longe. Têm o olhar distante, que lembra a dor.

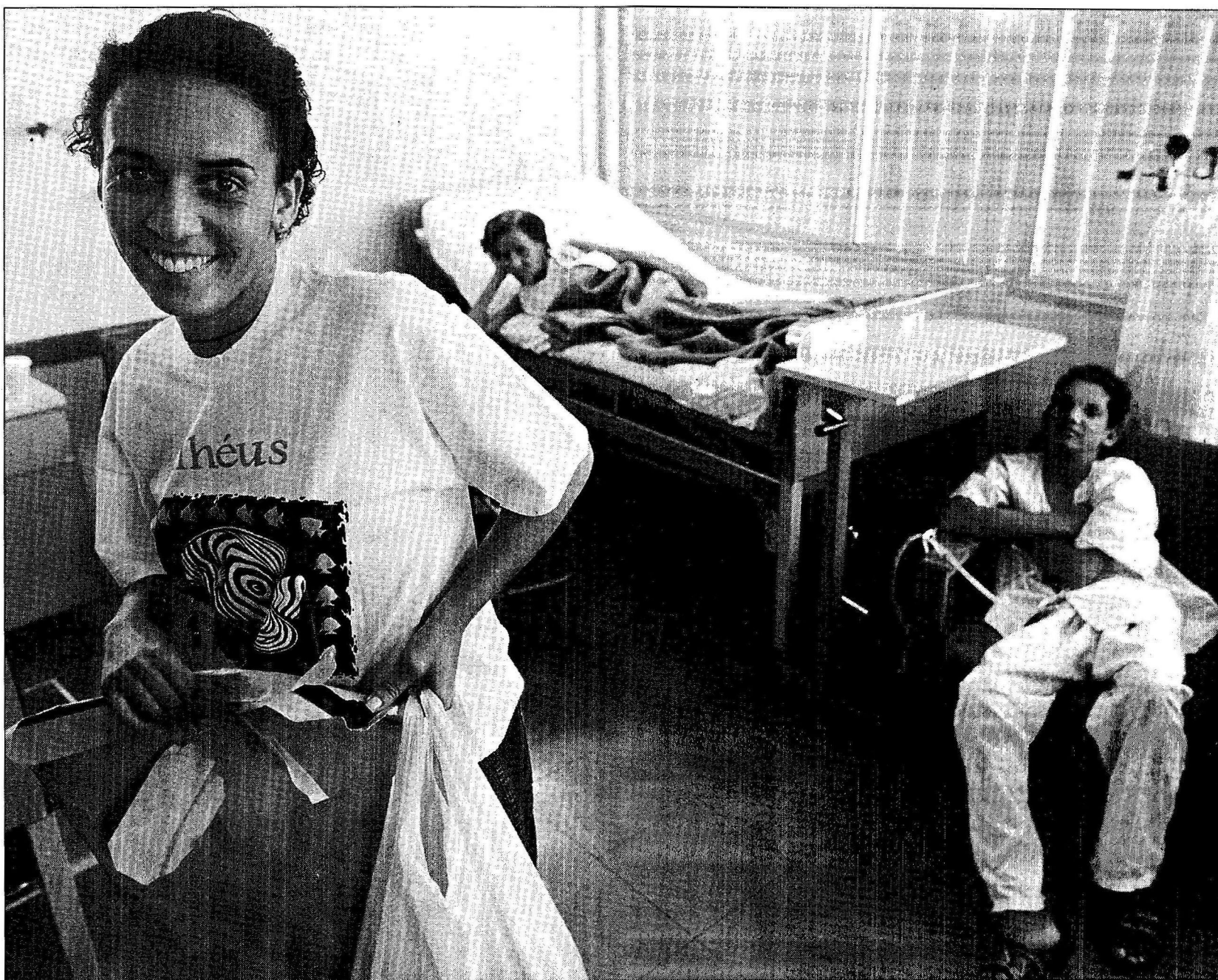
Na entrada principal, que dá acesso ao pronto-socorro, quase 19 mil pessoas são atendidas por mês. Chegam a pé, de carro. Alguns sozinhos, outros acompanhados. São deixados pelos parentes na portaria. Sempre apressados, enfrentam o vaivém das macas, cadeiras de rodas, a sirene das ambulâncias e correm para a fila da triagem.

Nas mãos, elas carregam apenas o essencial. O formulário para a consulta aguardada, um documento de identidade e um lenço esbranquiçado, quase amassado, que ajuda a espantar o calor. Em uma sacola de papel, trazem de casa a refeição sonhada do parente acamado. Em dias de visita, conseguem entregá-la em mão. Outros dias, porém, recorrem aos atendentes para que a encomenda chegue ao destino certo.

Bolsas pequenas parecem despencar dos ombros. As pernas, frágeis, já não suportam a espera. Olhos e ouvidos ficam atentos ao chamado do médico, que às vezes custa a aparecer na porta. Os bancos de madeira gasta dispõem de pouco espaço. Sortudos conseguem uma vaga. A maioria permanece de pé, encostada na parede fria, desbotada. Quem não consegue suportar a dor, cai sobre as macas cobertas por um fino lençol azul e branco. Recebe o atendimento emergencial no local, enquanto conta os minutos para a liberação de mais um leito.

Esperar tornou-se praticamente uma rotina para quem depende dos serviços do hospital. Mais de 20 mil pacientes são atendidos por mês somente no ambulatório. No amplo corredor central, dividido em cinco alas, aparelhos de televisão ligados e máquinas de refrigerante ajudam a passar o tempo. Contrastam com o choro sofrido das crianças vítimas da seca que assola a região Centro-Oeste e dos idosos, com braços e pernas imobilizados e curativos nos olhos.

O odor da medicação embrenha-se pelo nariz. O ar circula com dificuldade. Apenas alguns raios de sol penetram pelas portas no final dos corredores e das janelas superiores. O movimento não pára. Mal o médico pronuncia o nome do primeiro a ser atendido, a fila começa a se formar em uma das portas. O corre-corre é geral. Ninguém quer perder a vez.



Monalisa (E) está indo embora. Passou por uma cirurgia para retirada de um cálculo renal e viveu momentos de solidão. Agora quer ser voluntária do hospital

Vale tudo para passar o tempo. Folhear o jornal. Arriscar uma conversa com o colega ao lado, que acaba se tornando o amigo mais próximo, reclamar da incômoda sensação de aguardar, ou apenas acompanhar os passos rápidos de médicos, enfermeiros e padioleiros (que carregam os doentes e feridos nas macas ou cadeiras de rodas).

CIDADE

Com uma população regular um pouco menor que à da Candangolândia — quase 12 mil habitantes, conforme projeção da Codeplan no ano passado — o Hospital de Base tem uma estrutura de cidade grande. A área de quase seis mil metros quadrados comporta, no estacionamento, 700 carros diariamente. São 3 mil funcionários, um corpo clínico de 409 médicos, 145 enfermeiros e 965 auxiliares de enfermagem e 36 especialidades médicas.

Os leitos têm capacidade para 680 pacientes. Pacientes como Josefa Soares, 64 anos. Moradora de Santo Antônio do Descoberto, a dona-de-casa há 10 anos percorre os consultórios da casa de saúde. Enfrenta ônibus lotado e fila, na expectativa de marcar os exames.

Diariamente, 150 prontuários novos são abertos. A filha de Deusdete Barbosa, Jéssica, de 7 anos, é exceção. Seu nome figura na lista antiga. De dois em dois meses, elas enfrentam um dia de viagem de Ar-



raias (TO) para chegar à casa dos parentes, na Candangolândia. O preço da passagem, R\$ 80, pesa no orçamento da família, de R\$ 200 no final do mês. Deusdete não reclama da espera de quase duas horas pela consulta na ala da pediatria. Jéssica sofre de leucemia.

Na lavanderia, 145 mil quilos de roupas são lavadas, centrifugadas, passadas e dobradas mensalmente. Quantidade que 4,8 mil quilos/dia. Roupas que têm serventia para

a dona-de-casa Isabel de França Souza Gomes e o filho, Rafael, 9 anos. Há cinco dias internado no 7º andar da Pediatria, com pneumonia, ele e a mãe seguem pelos corredores do ambulatório com os aventais desbotados. Isabel, 34 anos, empurra a cadeira de rodas e ajuda o pequeno a segurar o plástico com o soro pela metade. No leito 71, ela dorme pouco e sente saudades de casa.

Somente com o óleo de caldeira,

responsável pelo aquecimento nas unidades de esterilização, refeitório e lavanderia, o Hospital de Base consome de 40 a 50 mil litros/mês. Os gastos com alimentação também são altos. Na última quinzena de agosto foram servidas mais de 40 mil refeições. Quase 200 funcionários se encarregam do cardápio balanceado. São, 3,5 mil refeições/dia, divididas em quentinhas, com bolos, pães, doces, carnes, saladas e verduras cozidas no vapor.

O consumo de esparadrapos, que somam 2 mil rolos de 4,5 metros mensais, equivale a nove quilômetros. Distância média entre o Hospital de Base e o Setor Sudoeste ou ao trecho que liga Ceilândia a Taguatinga. São utilizados 2 mil rolos/mês, ou seja, quase 200 quilômetros, comparado à distância entre Brasília e Anápolis.

O HBB consome ainda 11 mil comprimidos de AAS, 4 mil de Cataflan, entre outras drágeas, que somam, no final do mês, 32 mil medicamentos. Em água e luz os são R\$ 113 mil e R\$ 77 mil, respectivamente. O hospital tem uma projeção de gasto mensal de R\$ 10 milhões, com recursos repassados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), Ministério da Saúde e Governo do Distrito Federal (GDF).

LEIA AMANHÃ

O trabalho desgastante da unidade de Psiquiatria